

LINGUAGEM ESCRITA, MEDICALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO E DIREITO À APRENDIZAGEM: REFLEXÕES A PARTIR DOS DISCURSOS SOBRE O NÃO APRENDER.

Rúbia Mara Lemes¹
Claúdia Regina Mosca Giroto²

¹ UNESP, Marília/SP. E-mail: rubiadiogolemes@gmail.com

² UNESP, Marília/SP. E-mail: claudia.mosca@unesp.br

Linha de Pesquisa/Eixo Temático: Teoria e práticas pedagógicas

Palavras-chave: Sentidos do não aprender 1. Medicalização 2. Linguagem escrita 3.

INTRODUÇÃO

A crescente utilização de explicações médicas para as dificuldades de aprendizagem tem influenciado a compreensão do processo educativo. No contexto da escola pública, desafios relacionados à apropriação da linguagem escrita são frequentemente atribuídos a déficits individuais, em detrimento das condições históricas, sociais e pedagógicas que permeiam o ensino e a aprendizagem.

Este trabalho parte da compreensão de que os sentidos atribuídos ao “não aprender” são construídos discursivamente em contextos históricos e sociais específicos. Fundamentado nas contribuições de Bakhtin e o Círculo (Bakhtin, 2014; 2016; Medviédev, 2012; Volóshinov, 2017), Vygotsky (2007; 2008) e Giroto (2019), compreende a escrita como uma prática social mediada, destacando o papel das interações, das mediações pedagógicas e das condições de produção dos sentidos na aprendizagem.

Assim, este relato de experiência tem como objetivo refletir sobre as discussões desenvolvidas na disciplina *Medicalização da Educação e os Sentidos do Não Aprender*, analisando como os discursos sobre o não aprender e a linguagem escrita podem sustentar processos de medicalização da educação e influenciar a constituição dos sujeitos escolares e as práticas desenvolvidas na escola pública.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como um relato de experiência desenvolvido a partir das vivências e reflexões proporcionadas pela disciplina **“Medicalização da Educação e os Sentidos do Não Aprender”**, integrante do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp, campus de Marília. A experiência, articulada às discussões sobre a realidade das escolas públicas, possibilitou analisar criticamente os discursos sobre o não aprender, a linguagem escrita e os processos de medicalização da educação, evidenciando seus impactos nas práticas pedagógicas e na constituição dos sujeitos escolares.

As reflexões desenvolvidas foram fundamentadas nos pressupostos teóricos de Bakhtin e Vygotsky, em interlocução com as contribuições de Giroto (2019), compreendendo os discursos como produções vinculadas a contextos históricos e sociais específicos.

A análise foi organizada em dois eixos temáticos: **“Proliferação de diagnósticos e laudos como efeitos da medicalização e dos sentidos do não aprender”** e **“Sentidos sobre aprendizagem, diagnóstico e medicalização como efeitos de discursos normatizadores”**, construídos a partir das discussões realizadas na disciplina e apresentados a seguir.

ANÁLISE PARCIAL OU FINAL DOS RESULTADOS OBTIDOS

Ao eixo temático **“Proliferação de diagnósticos e laudos como efeitos da medicalização e dos sentidos do não aprender”**, subjaz a compreensão de que os processos de medicalização da educação estão intimamente relacionados à crescente tendência de recorrer a diagnósticos, classificações e patologias como explicações para as dificuldades encontradas pelos estudantes em seus percursos de aprendizagem.

Nesse sentido, Giroto, Berberian e Santana (2014) argumentam que a utilização recorrente de diagnósticos médicos para justificar situações de não aprendizagem evidencia um preocupante retrocesso no campo educacional, uma vez que desloca a atenção das condições pedagógicas, sociais e culturais para aspectos considerados intrínsecos ao indivíduo.

Da mesma forma, a linguagem escrita deve ser compreendida para além da aquisição de habilidades técnicas. De acordo com Bakhtin e o Círculo (Bakhtin, 2014 e 2016; Medviédev 2012; Volóshinov, 2017), a linguagem constitui um espaço privilegiado de interação social e produção de sentidos, no qual os sujeitos se constituem e estabelecem relações com o mundo.

O eixo “Sentidos sobre Aprendizagem, diagnóstico e medicalização como efeitos de discursos normificadores”, nos remete à problematização da relação entre aprendizagem, diagnóstico e medicalização especialmente no contexto da formação de profissionais da educação e da saúde.

Para Vygotsky (2007; 2008), a escrita representa uma das mais complexas formas de linguagem desenvolvidas pelo ser humano, uma vez que exige processos de abstração, planejamento e organização do pensamento.

A partir desse referencial teórico, os discursos sobre o "não aprender" podem ser compreendidos como produções históricas e sociais que atribuem determinados significados aos estudantes e às suas experiências escolares (Giroto, 2019). Nesse contexto, os estudos analisados permitiram compreender que, frequentemente, os discursos presentes no ambiente escolar tendem a valorizar padrões homogêneos de comportamento e desempenho acadêmico. Quando esse modelo não é alcançado, a responsabilidade pelo fracasso escolar tende a ser atribuída ao estudante ou à sua família, deslocando-se a discussão das condições pedagógicas, institucionais e sociais que permeiam o processo educativo. Isso implica em reconhecer a diversidade dos sujeitos, valorizar suas trajetórias e compreender que o direito à aprendizagem somente pode ser garantido quando se supera a tendência de medicalizar problemas educacionais e se considera a complexidade das relações entre linguagem, desenvolvimento, ensino e sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desenvolvida na disciplina **Medicalização da Educação e os Sentidos do Não Aprender** possibilitou refletir sobre os discursos que associam as dificuldades de aprendizagem a déficits ou transtornos individuais, contribuindo para processos de medicalização da educação. As discussões, fundamentadas em Vygotsky, Bakhtin e Giroto, evidenciaram que a aprendizagem da linguagem escrita é um processo social, histórico e mediado pelas práticas pedagógicas e pelas condições de escolarização.

A experiência também permitiu compreender que discursos medicalizantes podem reforçar processos de padronização, exclusão e responsabilização individual pelo fracasso escolar, deslocando a atenção das condições de ensino para supostas limitações dos estudantes. Por fim,

o relato reafirma a importância de uma educação que valorize as diferenças e reconheça a diversidade dos processos de aprendizagem, fortalecendo práticas pedagógicas inclusivas e contribuindo para a formação de educadores comprometidos com o direito à aprendizagem de todos os estudantes.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. São Paulo: Editora 34, 2016.

GIROTO, Claudia Regina Mosca; ARAUJO, Luciana Aparecida de; VITTA, Fabiana Cristina Frigieri de. Discursivização sobre “doenças do não aprender” no contexto educacional inclusivo: o que dizem os professores de Educação Infantil? Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 14, n. esp. 1, p. 807-825, 2019.

GIROTO, Claudia Regina Mosca; BERBERIAN, Ana Paula; SANTANA, Ana Paula de Oliveira. Salud, Educación y Educación Especial: principios y paradigmas guías de las prácticas en salud en el contexto educativo inclusivo. In: GIROTO, Claudia Regina Mosca et al. (orgs.). *Servicios de apoyo en Educación Especial: una mirada desde diferentes realidades*. Alcalá de Henares, Espanha: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá de Henares, 2014. v. 1, p. 115-138.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. Pensamento e linguagem. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VOLOSHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.